

A CONSTRUÇÃO MORAL DO HERÓI ENÉIAS

Como Exemplum de *Vir Romanvs* na
Roma Augustana

**THIAGO DE ALMEIDA LOURENÇO CARDOSO
PIRES***

RESUMO

A literatura épica oferecia à sociedade romana exempla, modelos de personagens virtuosos cujas atitudes e comportamentos deveriam ser emulados pelos leitores. Este artigo tem por finalidade analisar a figura heroica de Enéias na *Eneida* de Virgílio. Averiguaremos algumas das características, atributos e comportamentos que foram conjuradas pelo autor a fim de construir um tipo ideal de vir romanus e, desta forma, oferecer um paradigma moral de gênero masculino para a sociedade romana.

Palavras-chave: Principado; Enéias; *Vir Romanus*.

ABSTRACT

The epic literature offered the Roman society exempla, models of virtuous characters whose attitudes and behaviors were to be emulated by the readers. This article aims to analyze the heroic character of Aeneas in Virgil's *Aeneid*. We are going to look into some traits, attributes and behaviors that were injected by the author in order to construct an ideal make for a vir romanus and, thus, offer a moral paradigm of male gender for the Roman society.

Keywords: Principate; Aeneas; *Vir Romanus*.

* Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Membro do Laboratório de Pesquisa LIBER-NERO /UNIRIO. Bolsista Capes.
Email: thiagokpires@gmail.com

No sexto livro da *Eneida* de Virgílio, o troiano Enéias, após vagar no Mediterrâneo em busca das terras da Ausônia (Itália), chegou a Cumas, onde encontrou a profetiza de Apolo conhecida como Sibila. O herói a procurou para que essa lhe conduzisse ao submundo para encontrar o espírito de seu recém-falecido pai, Anquises, pois esse podia instruí-lo sobre o futuro.

[Sibila:] Otreuco Enéias, varão muito piedoso e de braço invencível, / desce à procura de seu pai, entre as sombras inanes do Inferno. / Se não te move o espetáculo de tanta piedade, que ao menos / este sinal reconheça. (Verg. *Aen.* VI, 403-406.)¹

A descida ao submundo feita por Enéias funciona, na presente narrativa, como ponto de mudança na personalidade do herói. Enquanto na primeira metade da *Eneida*, Enéias apenas seguia a ordem dos deuses, inconsciente do propósito maior de sua jornada, a entrevista com Anquises transforma o herói em um resolutamente combatente destinado a cumprir os fados de seu povo e de sua descendência (os romanos). Contudo, a descida ao submundo foi utilizada por Virgílio, também, como ponto de partida para explorar outras figuras mitológicas falecidas que merecessem destaque por sua vida exemplar ou por conta de suas violações dignas de reprovação. Deste modo, Enéias e a Sibila de Cumas iniciaram sua caminhada pelo Érebo e ela o instrui nos crimes e virtudes dos manes que ali encontrou: “*Com este exemplo aprendei a acatar o mandado dos deuses!*” (Verg. *Aen.* VI, 620.).

Os personagens explorados pelo autor, suas ofensas ou louvores, foram utilizados como *exempla*, símbolos de virtuosidade que deveriam servir de inspiração para aqueles que lessem a obra épica. O termo *exemplum* designa a combinação de significados planejados, estereotipados e as abstrações que caracterizam fenômenos ou personagens que deveriam ser emulados pelos habitantes de diferentes regiões do império². Os textos épicos atuavam como material de reflexão e aprendizado para que a elite política e social tomasse a liderança do Estado e garantisse seus papéis sociais de detentores do *mos maiorum*³. A capacidade dos romanos de apreender o passado de seu povo facilitava a emulação e introspecção do comportamento dos *virii romani* de outrora. Essas obras faziam parte do patrimônio de famílias nobres, arquivos aristocráticos que se destinavam a elite romana no qual o aluno aprendia sua extensa e complexa genealogia. Através da educação formal, do aprender a ler e através das representações dos grandes homens, o romano aprendia como ‘ser’ um romano no sentido ideal da imagem construída.

Contudo, as lendas e as personagens utilizadas no épico pertenciam à memória cultural romana, não estavam restritas aos pequenos círculos literários das elites. O cidadão comum encontrava outras fontes de memória sobre as tradições míticas: nos marcos da cidade, em monumentos, paisagens, performances rituais, festivais, atividades cênicas e jogos públicos. Os romanos aprendiam sobre o passado e suas personagens através dos *ludi scaenici* e outros festivais para os deuses. Nessas diversas ocasiões festivas, cantores, oradores, recitadores de hinos, atores e dançarinos reinterpretavam as narrativas e eventos mitológicos, performando-os para as multidões. Analisando esta maneira de acumulação de conhecimento popular sobre o passado, Wiseman a denomina ‘memória popular’, ou seja, o amálgama fruto do que o povo romano ouvia e via em suas

¹ Todas as citações da *Eneida* de Virgílio, aqui expostas, foram traduzidas por Carlos Alberto Nunes. VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora 34, 2014.

² HÖLSCHER, T. *The language of images in roman art*. Cambridge: University Press, 2004. p.88.

³ Conjunto indefinido e amplo de valores tradicionais romanos legados hipoteticamente pelos antepassados. O *mos maiorum* deveria ser preservado e foi utilizado pelas elites conservadoras como ferramenta de manutenção das tradições.

ricas performances orais de cultura, de música e estória, prosa e verso, drama e narrativa⁴.

Virgílio começou a compor a *Eneida*, logo após terminar as Bucólicas e a concluiu em aproximadamente 19 a.C.. O poema se inicia com o fim da guerra entre aqueus e troianos narrada na *Iliada*. Tróia, desde os templos republicanos, desempenhava um papel mediador na diplomacia entre romanos e gregos; representava sobretudo um passado em comum. A presença da lenda troiana no mundo romano não era escassa, tumbas de heróis troianos estavam espalhadas pelo Mediterrâneo, cidades alegavam terem sido fundadas por refugiados da guerra e templos ostentavam relíquias salvas do incêndio⁵.

Em Homero, Enéias era um príncipe troiano, esposo de Creúsa, filho de Vênus com Anquises, e consta como exímio guerreiro durante a guerra de Tróia. Na *Iliada*, o destino do herói não era morrer na cidade incendiada, mas fundar um reino em outra terra, embora o aedo grego não a especifique⁶. Virgílio, ao compor a *Eneida*, associa a fuga de Enéias, após a queda de Tróia, com os primórdios do povo romano:

As armas canto e o varão que, fugindo das plagas de Troia / por injunções do Destino, instalou-se na Itália primeiro / e de Lavinio nas praias. A impulso dos deuses por muito / tempo nos mares e em terras vagou sob as iras de Juno, / guerras sem fim sustentou para as bases lançar da cidade / e ao Lácio os deuses trazer – o começo da gente latina, / dos pais albanos primevos e os muros de Roma altanados. (Verg. *Aen.* I, 1-7.)

Após a queda da cidade, Enéias e seu contingente de refugiados fogem para o Ocidente e a viagem só cessa quando chegam ao centro da Itália. Neste sítio, os troianos fundam a cidade de Lavínia, cujos habitantes futuramente fundarão outra cidade: Alba Longa ("dos pais albanos primevos"). Rômulo e Remo serão descendentes dos moradores de Alba Longa e estabelecerão um terceiro assentamento no Lácio, a cidade de Roma.

[Anquises:] A seu avô segue **Rômulo**, de Ília nascido e de Marte, / sangue de Assáraco. Vê os dois penachos que a crista / do elmo lhe adorna? A herança paterna até nisso se afirma: / tudo são mostras da origem divina do belo guerreiro. / Hás de saber, caro filho, que sob os auspícios desse homem / Roma há de o império da terra alcançar e subir até os astros. / Sete colinas a grande cidade incluirá nos seus muros / mãe de varões invencíveis, tal como a deidade do monte / de Berecinto coroado de torres percorre em seu carro / as cidadelas da Frígia, vaidosa de ser mãe dos deuses, / com netos dignos, e todos os celícolas de alto renome. / **Volta a atenção para aqui; teus romanos contempla de perto, / gente da tua prosápia.** (...) [Grifos nossos] (Verg. *Aen.* VI, 777-789.)

O espírito de Anquises, no submundo, demonstra para o filho a posteridade de sua linhagem. Virgílio descreve que Rômulo será filho de Marte, unirá as sete colinas e fundará a cidade de Roma. Essa conquistará "o império da terra" esua glória se elevará até os astros. Por é uma assertiva final aqui é especial: "**teus romanos contempla de perto, gente da tua prosápia**". O autor relaciona de maneira direta a missão de Enéias a Rômulo e aos romanos, descendentes do herói troiano.

Como patrono fundador do que viria a ser o povo romano, e antepassado de Rômulo, Enéias deveria ser representado por Virgílio como aquele que, desde tempos imemoriais, traria consigo as marcas do comportamento exemplar romano. A

4 WISEMAN, Timothy Peter. 'Popular Memory', In: GALINKSY, Karl. *Memoria Romana. Memory in Rome and Rome in memory. Memoirs of the American Academy in Rome*. Supplementary Volume X. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2014, p. 62.

5 ERSKINE, Andrew. *Troy between Greece and Rome. Local Tradition and imperial Power*. New York: Oxford university press, 2001, p.9.

6 RODRIGUES, A. "A Eneida virgiliana, entre a vivência e a narração" In: VIRGÍLIO. *Eneida*. São Paulo: Editora Unicamp, 2005, p.27.

personagem seria a percussora dos valores morais estimados pelo ideal do *mos maiorum*. Uma dessas características, indispensável ao guerreiro e ao cidadão romano, era a *virtus*. A *virtus* abrangia um conjunto de elementos difíceis de serem delimitados, mas seu cerne estava ligado à capacidade guerreira, ao valor militar e à tenacidade bélica.

Virtus consistia principalmente na conquista de glória pessoal e prestígio através da realização de grandes feitos em nome do Estado romano, para o qual a guerra oferecia as maiores oportunidades. A recompensa que esses homens se esforçaram para obter era o reconhecimento de seus concidadãos, que se manifestava mais claramente na fórmula *gloria et laus*, glória e louvor, pré-requisitos para qualquer um que almejasse um cargo político⁷.

Por estas razões, a *virtus* estava fortemente ligada à hombridade do cidadão, seu valor guerreiro, a vitória e a distinção de ser possuidor de *honras* (*Honor*). Enéias, apesar de seus momentos de hesitação em alguns momentos, personifica o chefe militar por excelência, aquele que não foge a batalha e incita a seus compatriotas a fazer o mesmo.

[Enéias:] Oh, três vezes e quatro felizes / os que morreram à vista dos pais, sob os muros de Tróia! / Ó tu, valente Tidida, o mais forte dos filhos de Dânao! / Não ter eu tido a ventura, ao lutar nas campinas de Tróia, / de perecer sob os golpes dos teus fulminantes ataques, / no mesmo ponto em que Heitor sucumbiu sob a lança de Aquiles, (...) (Verg. *Aen.* I, 94-99.)

Nessa fala, o herói exalta a morte honrada de um guerreiro: desejava perecer em combate e não abandonar Tróia. A personagem denomina de felizes aqueles que morreram defendendo a cidade e ainda lamenta não ter sofrido uma morte honrosa como a de seu cunhado Heitor. O poeta constrói ideologicamente a bela morte de um guerreiro: morrer não deve ser temido, combater em defesa do solo pátrio deveria ser almejado.

[Enéias:] Ouvem-se gritos dos homens, o toque atoador das trombetas. / Fora de mim, logo as armas procuro; de nada nos servem. / Um pensamento a nós todos anima: voar para os pontos / onde a batalha mais forte estrondava. Uma ideia somente / nos exaltava: era belo morrer em defesa da pátria. [Grifos nossos] (Verg. *Aen.* II, 313-317)

Ávido por combater, calça Enéias as grevas douradas. / Toda demora maldiz; vibra a lança brilhante na destra. / Com todo o esmero envergou a couraça; de lado suspende / seu forte escudo, vestindo com pressa a loriga bem feita. / Logo, aproxima-se de lulo e o abraça com força, tolhido / como se achava na armadura, e a cabeça beijou-lhe: / **“Comigo aprende, meu filho, o valor e a constância dos fortes;** / mas a Fortuna, com outros. Agora meu braço está pronto / para amparar-te na guerra e o alto prêmio arrancar a vitória. **Quando alcançares a idade madura, recorda-te disto, / para à memória evocar os exemplos de teus ascendentes, por seres filho de Eneias e teres a Heitor como tio.**” [Grifos nossos] (Verg. *Aen.* XII, 430-440)

Virgílio, nessa última fala, descreve o momento de preparação do soldado para a batalha. Enéias nada teme, pelo contrário, a demora da montagem do armamento bélico o afasta da peleja que está ávido para enfrentar. O trecho torna-se ainda mais especial quando entra a figura do filho de Enéias, lulo. A fala do herói deixa claro que ele almeja se tornar um *exemplum* para seu filho, um modelo de bravura a ser seguido. O pai não seria o único: o tio Heitor comporia a linhagem de grandes guerreiros do qual lulo seria fruto.

Contudo, conforme assinalado por Miller, a *virtus* só possui a validade mediante o reconhecimento do exército e da comunidade, tornando-se necessária uma validação coletiva

7 MILLER, Don. “Monumental Rome” In: ERDKAMP, Paul. *Companion to ancient Rome*. Nova York: Cambridge University Press, 2013, p.190.

para ser legitimada. No caso da *Eneida*, a *virtus* de Enéias é garantida pelos seus companheiros de viagem. Após atormentar a náutica provocada por Juno, os navios do comboio troiano se separaram, ao chegar a Cartago, Acetes, outro guerreiro troiano, apresenta o líder da viagem da seguinte maneira:

[Acetes:] Enéias foi nosso rei, o mais justo e piedoso dos homens / de comprovado valor nos combates; em tudo, o primeiro. / Se os Fados ainda o conservam e as auras vitais ele aspira, / sem para as trevas terríveis haver até agora baixado, / medo não temos de nada nem tu de nos teres salvo. (Verg. *Aen.* I, 544-547)

Acetes relaciona de maneira direta o comando e bravura do líder com o ânimo de suas tropas em enfrentar as adversidades. Caso Enéias ainda estivesse vivo e respirando sobre a terra, de nada Acetes e seus companheiros temeriam. Tal como um chefe militar romano, Enéias precisava incitar o furor bélico em seus soldados e encorajá-los nas recompensas da vitória. Os companheiros troianos foram estimulados pela reconstrução de Tróia no Lácio (a cidade de Roma), cujo fim último seria uma nova era de ouro, um “futuro risonho”.

[Enéias:] Criaí ânimo; o pálido medo / deixai de lado. Tudo isso há de ser recordado um dia. Por entre casos variados. Perigos sem conta, avançamos / na direção prometida do Lácio, onde os Fados nos mostram / o **ambicionado descanso nos reinos futuros de Tróia. / Voltai a ser o que sois, e aguardai um futuro risonho.** [Grifos nossos] (Verg. *Aen.* I, 202-207.).

[Enéias:] O principal está feito, guerreiros; o resto é mais fácil. / Eis as primícias da hossa vitória, os despojos de um monstro / sem compaixão; eis Mezcência em pessoa, por mim dominado. Ora o caminho vai dar na cidade do rei dos latinos. / De armas na mão combatei com denodo e enfrenai o inimigo, / sem que nenhum imprevisito vos turve, nem seja motivo / de indecisões a palavra impensada de alguém menos digno, / logo que os deuses nos mandem pendões desfaldar para a luta. (Verg. *Aen.* XI, 14-21)

Somente um líder guerreiro inspirado pelos deuses poderia encorajar seus compatriotas a perseverar na difícil tarefa de vagar pelo Mediterrâneo em busca de terras desconhecidas e ainda, após chegar, enfrentar diversos povos locais. “*Tamanha eram as dificuldades para plantar a gente de Roma!*” (Verg. *Aen.* I, 33.). O resultado de tais labores seria o reconhecimento futuro dos cidadãos romanos, pois o próprio Virgílio exorta a seus leitores a aprender o valor do solo conquistado pelas batalhas: “*Vamos, diz ele, rendemos estas homenagens supremas a estas almas de elite com cujo sangue compramos esta pátria.*” (Verg. *Aen.* XI, 23-25.). Além de ressaltar o valor guerreiro de seu povo, Roma assim ficaria devendo seu futuro sucesso às estas guerras mitológicas (“*com cujo sangue compramos esta pátria*”).

Entretanto, a *virtus* não poderia ser desmedida, o furor guerreiro de Enéias deveria ser temperado pela ponderação e pela sabedoria em poupar os inimigos rendidos e reconhecer o momento de negociar a paz. A virtude da clemência (*clementia*) indicava essa moderação do ímpeto guerreiro para que não ocorresse massacres, e estava ligada à ideia de que a paz deveria prevalecer para não resultar em contendas desnecessárias. A *clementia* foi utilizada, durante a época republicana, como meio diplomático de apaziguamento entre Roma e os povos inimigos estrangeiros, e foi utilizada por Júlio César, durante as lutas civis, como uma qualidade que o permitiu perdoar antigos inimigos para o retorno da concórdia social. Como resultado, a clemência estava ligada ao fim do caos político, à concórdia e a paz entre cidadãos⁸.

Na *Eneida* de Virgílio, durante a mencionada descida ao submundo, foi o próprio Anquises que exalta a clemência da casa Julia. Somente aqueles que possuíam

8 BUCKLEY, Emma. “Nero instius: constructing Neronian identity in the pseudo-Senecan Octavia” In: GIBSON, A. *The Julio-Claudian Succession. Reality and Perception of the “Augustan Model”*. Leiden: Brill, 2013, p.140.

o dom da temperança poderiam evitar que um cidadão se virasse contra outro cidadão, somente aqueles com moderação e clemência saberiam aplacar as partes sociais em disputa. Quando Anquises relata a seu filho o futuro de Roma, o ancião clama para que os romanos mantivessem a moderação e soubessem evitar os conflitos:

[Anquises:] Não habitueis, caros filhos, os ânimos a essas discórdias, / nem contra o seio da pátria encostai vossa espada homicida. / E tu, meu sangue, que trazes do Olimpo a ascendência divina, / atira longe essas armas! / Este, vencida Corinto, há de alçar-se no carro de triunfo / ao Capitólio, depois de dobrados os fortes aquivos; / este outro, há de Argos vencer e Micenas, a pátria do Atrida, / bem como o Eácida, garfo robusto de Aquiles potente, / vingando os teucros avós e o machado sacrário de Atena. [Grifos nossos] (Verg. *Aen.* VI, 830-840)

Da mesma maneira que os chefes militares romanos deveriam ser clementes com os povos inimigos, Virgílio retratou Enéias em ocasiões em que a personagem afirma querer o fim justo das contendas e a instauração da paz entre as partes.

[Enéias:] Que malfadada Fortuna, latinos, em guerra tão crua / vos atirou e impediu de chamardes-nos sócios e amigos? / Paz suplicais para os mortos privados de luz pelos golpes / duros da guerra? Quisera estendê-la aos que vivos se encontram. / Aqui não viera, a não ser compelido pela ordem dos Fados. / Não movo guerra a ninguém. Vosso rei quebrantou as alianças / e preferiu recolher-se ao amparo da espada de Turno. / Mais justo fora que Turno sozinho lutasse com a morte. Se quer pôr fim a esta guerra e expulsar os troianos da Itália, / fácil lhe fora medir-se comigo no campo de batalha. (Verg. *Aen.* XI, 106-115.)

O último trecho reitera o caráter mediador e diplomático do herói Enéias, pois esse não teme o combate, mas quer evitar mortes desnecessárias. O troiano sugere, aos mensageiros de Turno, um combate solo entre os dois guerreiros, combate que decidiria o resultado da guerra entre troianos e os rútuos. Enéias ainda atesta que seria a coisa mais justa a se fazer, pois Turno quebrou sua palavra ao reiniciar a guerra durante o recesso para enterrar os mortos.

Coligada a clemência, a *fides*, a moderação e ao fim das lutas, encontramos uma terceira virtude importante para a formação do cidadão romano, a justiça (*iustitia*). Essa surge como o respeito pelas normas institucionais e pelas leis. A justiça, no contexto de formação do Principado, foi de suma importância, pois afastaria o *princeps* Augusto do perfil de uma tirania, do retorno das lutas civis e das proscricções. A *iustitia* augustana, deste modo, legitimaria as ações do governante, uma vez que esse teria restaurado a *res publica* em seu estado ideal. Na *Enéida*, Roma é representada como a nação justa por excelência, aquela que mediará o conflito entre povos e irá reger segundo as leis o mundo conhecido. Essa 'missão civilizatória' romana de dominação ganha tons mais laudatórios ao ser proferida pelo próprio deus Júpiter.

[Júpiter:] Rômulo, então, mui vaidoso da pele fulgente da loba, / dominará nestes povos e, o burgo mavórcio erigindo / de fortes muros, seu nome dará aos romanos ditosos. / **Prazo nem metas imponho às conquistas do povo escolhido. / Dou-lhes Império sem fim.** Até Juno, a deidade ofendida, / que à terra, ao céu e ao mar bravo trabalhos sem pausa ocasiona / com seus temores, mudada em melhor, há de em breve **os romanos / favorecer, os senhores do mundo, esse povo togado.** Assim me apraz. (...) [Grifos nossos] (Verg. *Aen.* I, 276-283.)

Segundo Virgílio, Roma desde sua gênese foi o povo escolhido por Júpiter para exercer uma dominação sem limites espaciais e temporais. Caberá aos futuros romanos, "os senhores do mundo", instaurar aos povos as leis e a justiça. O mandato de Júpiter é reiterado pela fala de

Anquises no Érebro.

[Anquises:] Outros [povos], é certo, hão de o bronze animado amolgar com a mão destra, / ninguém o nega; do mármore duro arrancar vultos vivos, / nos tribunais falar bem, apontar com o seu rádio as distâncias / na azul abóbada e os astros marcar quando a leste despontam. / **Mas tu, romano, aprimora-te na governança dos povos. / Essas serão tuas artes; e mais: leis impor e costumes, poupar os submissos e a espinha dobrar dos rebeldes e tercoss.** [Grifos nossos] (Verg. *Aen.* VI, 847-853).

Deste modo, nota-se, através das falas de Anquises e Júpiter que, desde antes da fundação da cidade, Roma já possuía por destino o dever de controlar o mundo, “*aprimora-te na governança dos povos. / Essas serão tuas artes; e mais: leis impor e costumes, poupar os submissos e a espinha dobrar dos rebeldes e tercoss*”. A semente do que viria a ser a missão civilizatória de Roma estava assegurada pelo *fatum* e pelos deuses. Os intelectuais e especialistas do final da República e do início do Principado Augustano fomentaram a concepção de Roma como Senhora do mundo, seria a encarregada de não só dominar todo o mundo habitado, mas também organizá-lo e impor a justiça através de boas leis.

Até o momento, temos um herói Enéias guerreiro, clemente e justo. Contudo, de pouco valeriam estas características se ele não respeitasse e seguisse as ordens dos deuses e do destino. De fato, o caráter *pious* de Enéias é o aspecto mais reafirmado durante toda a Eneida. A *pietas* é a virtude que denota o ideal de responsabilidade social, que inclui os deuses, a pátria e a família. O senso de dever para com aqueles a quem era submisso é exemplarmente simbolizado pela representação de Enéias ao fugir de Tróia.

[Enéias:] Vamos, paizinho! Segura-te no meu pescoço e não caias. / Vou carregar-te nos ombros; brinquedo de criança é o teu peso. / Venha o que vier, correremos perigos iguais, pois para ambos / a salvação será a mesma. / Ao meu lado acompanha-me Ascânio, / e pouco atrás a consorte me siga de perto, sem medo. (Verg. *Aen.* II, 707-711.)

A imagem descrita acima tornou-se um exemplo de devoção familiar e submissão aos deuses. Enéias, fugindo do ataque à Tróia, carrega o pai Anquises paraplégico nas costas, o filho ao lado e a esposa atrás. Anquises ainda carrega consigo os deuses Penates. Desta maneira se forma a hierarquia familiar tão cara ao ideal de *pietas* do herói. Acima de tudo os deuses, depois os pais velhos e, enfim, a família. O caráter *pious* do herói Enéias é a todo o momento ressaltado. “*O herói insigne por sua piedade*” (Verg. *Aen.* I, 7.). O próprio Enéias correlaciona a sua principal virtude, *pietas*, com o sucesso de sua jornada. “*É assim que paga nossa piedade? É assim que nos concederá o cetro?*” (Verg. *Aen.* I, 252-253.).

Todavia, concernente ainda ao ideal da *pietas*, nenhuma submissão de Enéias será mais ressaltada por Virgílio do que o respeito pela vontade dos deuses e a correta execução dos ritos religiosos, fruto de séculos de tradição religiosa resguardada. O herói, ao se apresentar a uma divindade desconhecida (sua mãe disfarçada), enuncia que até mesmo os astros reconhecem sua submissão aos deuses:

[Enéias:] **O pio Eneias eu sou;** ora levo os Penates / salvos do inimigo implacável. Meu nome até os astros se evolva. / Procuvo a Itália nativa; os avós do alto Jove provieram. / Com vinte naus percorri grandes mares da Frígia, **guiado / pela deidade materna, obediente aos decretos de cima.** [Grifos nossos] (Verg. *Aen.* I, 378-382.)

No pensamento romano, as vitórias e o sucesso de sua pátria estavam calcados em fortes alicerces morais. O sucesso do Estado Romano se apoiava nas virtudes dos anciãos e de seus antepassados. A atribuição do declínio da República ao desrespeito dos cidadãos às moralidades capitais e à negligência dos cultos religiosos deveria ser sanada com o retorno e proteção dessas virtudes cardiais e a restauração de uma religiosidade arcaica. Enéias, portanto, deveria ser configurado como o protetor dos antigos costumes e da antiga piedade latina. Assim, o Principado corroborava e ‘sanava’ a teoria de Cícero de que a origem dos males que causaram as lutas civis e a decadência da República foi o abandono dos deuses pátrios. Para a mentalidade romana, só poderia haver a paz e ordem na sociedade se os ritos religiosos fossem mantidos conforme a tradição e o respeito aos deuses assegurado.

Garantir os ritos representava a certeza da manutenção da sociedade como a queriam: ordenada e segura. Ao respeitar as regras de comportamento, como respeito aos deuses, sobretudo em espaços, ao curva-se sob a autoridade dos rituais, o cidadão garantia a ordem social, e a pax deorum e as práticas que acarretavam a transgressão à ordem vigente podiam levar a sociedade ao caos e à degradação.⁹ A concórdia entre homens e deuses é a garantia da ordem romana.⁹

O poeta constrói a personagem heroica preocupada em assegurar a boa vontade dos deuses através da construção de templos e da correta execução dos ritos. Após encontrar a Sibila e conseguir sua viagem ao Érebo, o herói promete honrar aos deuses.

[Enéias:] **Então, um templo de mármore à Trívia e a ti, Febo, suntuoso, / dedicarei, e anualmente festejos em honra de Febo**¹⁰. / A ti também, profetisa, um santuário reservo admirável, / para guardar teus oraç^oes secretos e os Fados previstos / da minha gente, e ministros seletos darei a eles todos. [Grifos nossos] (Verg. *Aen.* VI, 69-74.)

Desta forma, Enéias se torna um pre-organizador de alguns elementos da religiosidade romana ainda no período mitológico: ele funda um templo a Diana e a Febo, mas também institui a festa anual ao deus e ainda organiza o colégio sacerdotal responsável pela manutenção dos *Livros Sibílicos*. Os ritos deveriam ser oferecidos de maneira correta e, para tanto, o executante deveria ser um especialista na função cultural. Virgílio descreve em diversos momentos Enéias desempenhando o papel daquele que executa o ritual apropriadamente.

Enéias, sacando da espada, uma ovelha / negra oferece às Eumênides, filhas da Noite, e à irmã Terra, / deusa potente, e uma vaca, Prosérpina, estéril te vota. / Aras noturnas, depois, alça ao rei poderoso do Estige / e joga às chamas entranhas inteiras de bois imolados; / óleo abundante também sobre as vísceras quentes derrama. (Verg. *Aen.* VI, 250-254.)

Mas de repente – assombroso prodígio – descobre na selva / perto da margem do rio, com sua ninhada de trinta / alvos leitões, uma porca deitada e tão branca como eles, / que na mesma hora o piedoso guerreiro imolou em tuas aras, / Juno potente, a mãe branca de leite com seus leitãozinhos. (Verg. *Aen.* VIII, 81-85.)

Os ritos e festivais executados por Enéias, por troianos ou por outras personagens se tornam vestígios do passado que deveriam ser copiados e executados pelos romanos contemporâneos de Augusto. Essa religião arcaica executada por Enéias e seus confrades configuram uma tradição religiosa inventada ou construída,

⁹ BELTRÃO, C. “A Religião na urbs.” In: MENDES, N. M.; SILVA, G.V. *Repensando o Império Romano*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006, p.146.

¹⁰ Trata-se das festas febéias.

pois muitos dos ritos ou preocupações religiosas (como a festa febéia citada acima) ganharam uma nova ‘inauguração’ através da ancestralidade do texto da *Eneida*.

[Heleno:] Quando os navios, porém, terminado já houverem seu curso,
/ e para os votos cumprir te aprestares, já salvo, na praia, / cobre os
cabelos, na forma ritual, com um véu purpúreo, / para evitar que
entre as chamas sagradas em honra aos deuses / se te apresente
algum rosto inimigo e o agouro perturbe. / **Teu companheiros e tu
observai essa prática sempre, / e com fervor religioso o costume
os vindouros preservem.** [Grifos nossos] (Verg. *Aen.* III, 403-409.)

A fala de Heleno se preocupa em transmitir para a posteridade como deveria ser o processo de imolação ritual. O véu ritualístico (“cobre os cabelos, na forma ritual, com um véu purpúreo”) que cobre os olhos e os procedimentos da execução ritual teriam assim como paradigma a ser seguido, ou ‘a primeira vez’, as ações do passado mitológico.

Esse costume, os torneios, primeiro de todos Ascânio / instituiu, ao cercar
Alba Longa de fortes muralhas, / e aos primitivos latinos mostrou como
fora preciso / que a juventude fizesse, de acordo com a sua experiência.
/ Aos netos seus os albanos passaram. Por último, Roma / dele esse uso
adotou, jogos pátrios que ainda hoje perduram. / ‘jogos de Tróia’, e o
esquadrão dos meninos, ‘Troiano’ lhe chamam. / Ao pai divino de Enéias
tais foram os jogos funéros / instituídos (...). (Verg. *Aen.* V, 595-604.)

O trecho acima resume e demonstra a importância do quinto livro da *Eneida*: o poeta descreve os jogos fúnebres em honra a Anquises executados pelos troianos assim que chegam a Itália. A festa em honra ao parálítico pai do herói envolve celebrações, sacrifícios e jogos. Virgílio traça o percurso histórico de como essa festa, chamada pelos romanos de ‘jogos troianos’, chegará a Roma augustana: de Lavínio, para Alba longa, para Roma. O poeta, através desse texto, carrega de significado uma festa contemporânea a Augusto remetendo-a aos tempos arcaicos e a uma tradição religiosa dos pais fundadores da nação romana. Deveria ser uma preocupação dos romanos manter os antigos ritos vivos e operantes, pois a negligência desses poderia ocasionar em distúrbios sociais e/ou na má fecundidade.

Para os romanos do tempo de Augusto, a resposta positiva de honrar os deuses poderia ser tangente, longínqua ou distante. Contudo, durante o texto virgiliano, os deuses são atuantes, possuem seus protegidos. Como resultado, as personagens evocam as divindades e barganham oferendas e recompensas. Os deuses quase imediatamente atendem quando compelidos. No decorrer dos jogos fúnebres de Anquises, acontece uma corrida náutica. Cloanto, um dos pilotos, queria a vitória e oferece libações às divindades aquáticas.

E porventura o primeiro lugar essas duas galeras / conseguiriam, se Cloanto,
no aperto, para o alto as mãos ambas / não levantasse, invocando destarte
as divindades urânias: / “deuses, que o império detentes no mar em que
minha galera / desliza manso! Meu voto atendei, pois nos vossos altares
/ um touro branco vos hei de imolar junto às praias sonoras, / ao mar as
quentes entranhas, os vinhos sagrados do estilo!” / Foram seus votos
ouvidos do mar sossegado / por Panoéia serena, por Forco e seu coro, e
as Nereidas. / Poturno pai também corre a impelir a galera elegante, /
com a forte mão. Mais veloz do que os ventos ou as setas aladas, / voa o
barquinho no rumo da terra e no porto se esconde. (Verg. *Aen.* V, 232-243.)

Assim como nos Jogos Troianos, os deuses também poderiam interferir na guerra, caso invocados. No trecho abaixo, Ascânio, ou lulo, filho de Enéias, durante o combate com os rútuos, compõe a falange dos jovens:

Não sofre Ascânio tamanha jactância, soezes insultos / do deslavado inimigo. No equino cordão firma a seta / prestes a ser disparada; e detendo-se um pouco, para o alto / tende as mãos ambas e votos ferventes a Jove endereça: / "Júpiter onipotente! Reforça esta audácia nascida / do desespero! Magníficos dons deporei no teu templo. / Imolarei um novilho com chifres de pontas douradas, / alvo sem manchas, que à mãe se equipare no erguer a cabeça / e sob as patas desmanche por vezes o solo arenoso". / O pai dos deuses o ouviu; e à sinistra, no céu descampado, / forte trovão retumbou, no momento preciso em que soa / o arco letal e uma seta ligeira foi no alvo encavar-se, / as duas fontes de Rêmulo unindo por dentro do crânio. (Verg. *Aen.* IX, 621-632.)

Trata-se da única fala de lulo durante toda a obra de Virgílio. Além de o caráter guerreiro ser destacado, a característica de *pius* ressalta a importância em empreitadas com favorecimentos: a flecha direcionada por Júpiter atravessou o crânio do inimigo.

Notamos, portanto, que as atitudes e comportamentos morais na *Eneida* de Virgílio, principalmente por parte de Enéias, foram um fator crucial para dignificar e edificar um passado mitológico que deveria ser emulado. Os escritores e críticos da época republicana imputaram as causas dos tempos turbulentos das lutas civis à falta de moralidade e à negligência aos cultos aos deuses. Neste sentido, entendemos a razão do Principado em promover o programa de restauração dos *mores*. O Principado e seus artistas precisavam estabelecer modelos de conduta moral para a sociedade e projetaram na antiguidade mitológica, idealmente construída, as respostas para suas necessidades presentes.

Uma das medidas do Principado para que essa moralidade fosse obedecida foi a criação do *cura morum*, um órgão que procurava controlar os costumes morais e 'resgatar' as virtudes imputadas aos antepassados. A propagação de representações de homens insígnies por seus valores morais se torna, assim, uma das preocupações do Estado. O Fórum de Augusto simbolizou esses homens exemplares de modo mais forte. As séries de estátuas dos *summi viri* formavam uma espécie de *hall* da fama dos valores nacionais, um monumento que visava ensinar aos visitantes os memoráveis feitos dos grandes romanos¹¹. As estátuas serviam como exempla visuais de chefes militares e magistrados que desempenharam atitudes que beneficiaram o Estado romano e que deveriam servir de exemplo para aqueles que desejassem ascender nos ranques sociais.

Da mesma maneira que Enéias foi construído por Virgílio como o chefe militar dono de virtudes inigualáveis, os políticos do Principado augustano tentaram, através de diversas associações, aproximar a figura do governante com a do herói Enéias. O *princeps* Augusto deveria ser caracterizado como o herói e soberano benfeitor universal, o principal responsável por trazer o retorno da ordem social e da concórdia e ainda reafirmar Roma como mestra do mundo conhecido. Com essa finalidade, em honra aos serviços prestados à República e por sua liderança, o Senado e o Povo romano desenvolveram a ideia de forjar um escudo dourado para homenagear Augusto. No *clupeus virtutis* (o escudo da virtude) estavam gravadas as quatro virtudes cardiais que representariam o comportamento exemplar do príncipe: o valor (*virtus*), a clemência (*clementia*), a justiça (*iustitia*) e a 'piedade' (*pietas*)¹². O escudo ficava exposto na Curia Julia e enaltecia publicamente as ações e a moralidade atribuída a Augusto. O próprio título *augustus*, conferido a Otávio, elevava o governante além da classe humana, conferindo-o uma aura semelhante aos heróis míticos que não eram completamente divinos, mas também não completamente humanos.

11 GEIGER, Joseph. *The first hall of fame: a study of the statues in the Forum Augustum*. Boston: Brill, 2008.
12 ECK, W. *The age of Augustus*. Malden: Blackell Publishing, 2007. p. 55.

Augustus é o nome que deriva do mesmo radical que augur, anunciando algo que vem a acrescentar, que vem possibilitar o crescimento de uma determinada empresa mediante o concurso divino¹³.

A transformação da figura de Augusto em algo que transcende o humano, aquele que representa séculos de tradições, também pode ser encontrada na Eneida. Virgílio deixa bem claro que Enéias é antepassado não só de todo o povo romano, mas especialmente da família Julia:

[Anquises:] (...) Volta a atenção para aqui; teus romanos contempla de perto, / gente da tua prosápia. Este é o César, da estirpe de Iúlio, / sem faltar um, que há de um dia exaltar-se até o polo celeste. / Este aqui... sim, este mesmo, é o herói prometido mil vezes, / César Augusto, de origem divina, que o século de ouro / restaurará nas campinas do reino do antigo Saturno, / (...) (Verg. *Aen.* VI, 788-794).

Aqui, o espírito de Anquises exhibe a Enéias a sua descendência que um dia irá encarnar após beber a água do lago Letes. Anquises estabelece uma correlação linear entre Enéias, César e Augusto. Virgílio atribui à família Julia, desde os mais primórdios tempos, a função de manter o sucesso de Roma através da manutenção da piedade arcaica.

Concluo, portanto, que o Principado augustano estava preocupado em fomentar uma ‘política moralizante’ que responderia aos anseios de uma elite que atribuía a falência do corpo político às suas falhas comportamentais e à negligência do culto dos deuses pátrios. Não idealizo Virgílio como um poeta a serviço do Estado, trabalhando nas demandas ideológicas do poder. Contudo, entendo esse poeta como um escritor preocupado com as questões de seu tempo, que leu os textos que manifestavam preocupação com esses valores morais e o papel da tradição no novo contexto. A *Eneida* de Virgílio se insere em um contexto maior de forte ebulição cultural no qual os romanos procuraram definir sua identidade para si e para o mundo exterior. Uma das preocupações centrais da literatura dessa época foi consolidar uma identidade romana fabricada não só através da formação de novos ‘clássicos’ latinos, mas também através de um vasto e contundente sistema de mídias que permeava toda a sociedade. A preocupação era formar um projeto cultural, cujo objetivo era a promoção consciente aos romanos uma alta cultura equivalente à grega e os caracterizar como comandantes do mundo.

Enéias, conforme construído simbolicamente e ideologicamente por Virgílio, ofereceu à sociedade um *exemplum* virtuoso e paradigmático de como um cidadão romano deveria se portar, quais características deveria almejar e como honrar os deuses de forma adequada. Esse destino moralizante da identidade romana, na *Eneida* de Virgílio, atribuía essas características não à obra de um poeta e nem aos anseios sociais cooptados pelo autor, mas à fundação arcaica de um povo planejado pelos deuses e pelo destino. A personagem Enéias, desta forma, transcendeu seu papel como patrono do povo romano em um passado longínquo, tornando-se um herói ‘próximo’ aos cidadãos, um ideal que deveria ser perseguido e esperado de cada *vir romanus*.

13 SILVA, G. “Política, ideologia e arte poética em Roma: Horácio e a criação do Principado” In.: *Politeia: História e sociedade*. V. 1 N.1. Vitória da Conquista, 2001, p.41.